

FASCÍCULO

02

Património Religioso - Memória e Identidade

O Maneirismo e o Barroco em Fafe





O MANEIRISMO E O BARROCO EM FAFE

Martinho Lutero, padre católico alemão, excomungado pelas ideias contrárias às diretrizes da Igreja, quando apresentou 95 teses (ideias contra os abusos do Papa), em 1517, não teria no seu pensamento a cisão e o início da Reforma Protestante. A tradução da Bíblia de latim para alemão tornou-se num elemento irreversível de aderentes protestantes. São 500 anos fundamentais para a mudança da Europa: a) divisão entre católicos e protestantes; b) necessidade de a Igreja Católica recuperar crentes, reunindo os bispos no Concílio de Trento (1545-1563); c) nesses 18 anos, uma das marcas que chegou até aos nossos dias foi a arte sacra: os templos eram obrigados a usar o dourado nos retábulos, o estofado e a carnação nas imagens; os púlpitos foram criados para as pregações dos padres; d) enquanto a Igreja Protestante admitia o lucro nos negócios, a Católica opunha-se; por isso, as diferenças atuais entre o Norte (desenvolvido) e o Sul da Europa (empobrecido); e) parte substancial do atual património português revê-se na arte sacra provida da posteridade ao Concílio de Trento, designadamente nos séculos XVII e XVIII.

As novas regras artísticas do Concílio de Trento incidem, entre outras, sobre os retábulos para abrigar e dignificar as imagens, assumindo-se em estilos artísticos: Maneirismo –



segunda metade do século XVII; Barroco nacional – finais do século XVII ao primeiro quartel do século XVIII; Barroco joanino – segundo quartel do século XVIII a cerca de 1740; Rococó – cerca de 1735 a cerca de 1765; Neoclássico – até meados do século XIX. Na arquitetura, principalmente nas fachadas, os espaços temporais são mais latos.

Mecenas são os padres, fregueses, confrarias (de cada altar), misericórdias, emigrantes...E os artistas? Entalhadores (escultores e imaginários, porque também faziam imagens), ensambladores (juntavam as peças no templo), pintores, douradores (muitas vezes, tinham a função de pintores-douradores), bate-folhas (responsáveis pelas folhas de ouro que os douradores colocavam nas peças). Porto, Braga e Guimarães eram os centros artísticos.

Este fascículo apresenta talha do Maneirismo (exemplares provenientes de outras igrejas e aproveitamento de estruturas – a igreja e capela de N. S.^a da Conceição, em Medelo, acolhem os melhores exemplares); do Barroco nacional (mobilidade e aproveitamento de estruturas – a capela de S. to António, em Serafão, contém o espécime mais interessante); e do Barroco joanino (ao estilo, por isso, nenhum original). Haverá quem se questione sobre bons exemplares de talha que não foram considerados; estão em templos já tratados no fascículo sobre o Românico.

A ausência de retábulos originais explica-se pela intervenção da ex-Direção Geral dos Edifícios e Monumento Nacionais que, sob as diretrizes do Estado Novo, procedeu ao esvaziamento da talha nas igrejas: o românico e todas as temáticas ligadas à fundação da Nacionalidade, bem como a Expansão Marítima, são o fundamento de quase meio século de poder.

Os nove templos deste fascículo demonstram as adaptações às diferentes épocas estilísticas e o abandono das regras clássicas, inserindo-se a maior parte em igrejas e capelas de fachadas pentagonais.



Localização: Largo do Assento, Moreira do Rei
Coordenadas: 41°28'44.21"N 8° 6'46.93"O

IGREJA DE MOREIRA DO REI

A igreja de Moreira do Rei constituiu o centro de uma das mais importantes *villae* da antiga Terra de Monte Longo, território que constituiu outrora o núcleo do atual concelho de Fafe.

Foi em torno deste templo de origem medieval que se desenvolveu o mais importante núcleo populacional do couto de Moreira do Rei, conhecido por muitos como o centro administrativo da Terra de Monte Longo. Apesar dessa tradição popular errada, uma vez que o centro de Monte Longo sempre foi Fafe, a importância deste território privilegiado é inegável tendo constituído um importante núcleo habitacional e comercial, que se refletia certamente na grandiosidade da sua igreja.

Pouco nos resta do templo medieval, facto que não invalida a presença de outros elementos de enorme importância. Um portal maneirista com remate barroco (ao estilo) denuncia um gosto tradicional, que se confirma nos caixotões do teto da nave (metáfora do Maneirismo). O Barroco joanino (ao estilo) é visível no retábulo-mor, na ornamentação dos áticos e remates das capelas laterais e na sanefa do arco cruzeiro. O orago (S. Martinho) encontra-se no local correto: no espaço intercolúnio do lado do Evangelho.

A importância e antiguidade da igreja de Moreira do Rei e do couto onde se inseria é comprovada pela documentação medieval, onde é possível verificar que foi o próprio D. Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, que coutou o território e o doou, assim como a própria igreja, privilegiada das *Tábuas Vermelhas* de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, que ficava assim com o seu patro-

nato. A primeira referência clara a este templo é, assim, anterior a 1185, data de falecimento do monarca, embora a *villa* de Moreira do Rei já seja referida em meados do séc. X.

No adro da igreja conserva-se um sarcófago medieval de origem desconhecida. Aquando da sua utilização, terá recebido uma tampa monolítica que encerraria o defunto no seu interior. Tudo indica que este sarcófago não antropomórfico (sem forma humana) e rudemente trabalhado possa ser atribuído aos séculos IX/X.



IGREJA DE REVELHE

A igreja de Revelhe é um dos raros casos no concelho de Fafe em que o edifício original terá sido mudado do seu local de fundação.

Com base em diversos documentos dos séculos XII e XIII, é possível afirmar que a igreja paroquial de Revelhe se localizava inicialmente no lugar de *Gama-zaos* (entretanto desaparecido), tendo sido deslocada daí - provavelmente devido à perda de importância desse lugar - para o atual lugar de Revelhe, em momento anterior ao ano de 1288. Daí em diante, o templo e a freguesia foram sempre designados como Santa Eulália de Revelhe, o que indica que o templo se manteve no local atual. Estaríamos, então, perante um edifício original do estilo românico.

Em termos artísticos, é no seu interior que descobrimos a riqueza deste templo, no qual sobressaem os retábulos laterais nos lados do Evangelho (N. S.^a com o Menino) e da Epístola (N. S.^a de Fátima) pertencentes ao Maneirismo: colunas com o primeiro terço ornamentado, sobressaindo a cabeça alada, e os res-

tantes terços estriados; entablamento com folhas de acanto de onde emergem aves; ático com enrolamentos *rollwerk* (escola da Flandres); banco apainelado com imagens e enrolamentos *rollwerk*. O desvirtuamento centra-se nas imagens de N. S.^a de Fátima e de N. S.^a com o Menino a substituírem pinturas no respaldo; a introdução de um duplo banco (Epístola) e de duplos plintos (Evangelho) para abrigarem imagens; os acrescentos nas envolventes laterais no retábulo da Epístola; e, naturalmente, a repintura do retábulo. O sacrário foi executado ao estilo Barroco joanino (integrado em metáfora de retábulo) ladeado pela padroeira, Santa Eulália, no lado do Evangelho, consoante as regras do Concílio de Trento.



Localização: Rua da Igreja, Revelhe
Coordenadas: 41°29'7.18"N 8°9'32.10"O



IGREJA DE MEDELO

A igreja de Medelo destaca-se principalmente pela sua capela-mor, que salta à vista de qualquer visitante, uma vez que se encontra revestida por um belo pano de azulejos pintados à mão, tornando esta igreja num caso único do concelho de Fafe no que toca à preservação de azulejaria.

O retábulo-mor maneirista (dois pares de colunas adornadas no primeiro terço, entablamento e ático com frutas e enrolamentos *rollwerk*) – adulterado com repintura e acrescentos no embasamento e imagens a substituírem pinturas –, com a ausência de ilhargas volumosas nas colunas exteriores, anuncia a probabilidade de a sua procedência ter origem noutro templo. S. Martinho, o padroeiro, está colocado no local recomendado: lado do Evangelho do retábulo-mor. O dossel da capela lateral de N. S.^a da Conceição inscreve-se no Barroco joanino (ao estilo).

A pintura a brutesco (tosca), ao estilo, é um sinal bem presente nos tetos da capela-mor, da nave, das capelas laterais e do arco cruzeiro, revelando um gosto particular da pintura maneirista e barro-

ca. Os tetos são da autoria do pintor espanhol Victor Mendes e foram realizados por volta dos anos 60 do séc. XX. Os áticos e remates dos retábulos colaterais e das capelas laterais (dosséis) estão enquadrados no Barroco joanino (ao estilo).

O retábulo da capela do lado do Evangelho foi trazido para o templo por intermédio do Dr. Alvim, médico da terra que ainda conseguiu a própria santa da Basílica do Sameiro, em Braga.

A igreja de Medelo será uma construção dos finais do séc. XVII, tal como indica a data gravada no arco de cruzeiro (1683).

Em finais do séc. X surge a primeira referência documental à povoação de Medelo, garantindo que esta será uma das mais antigas do concelho de Fafe, em período anterior à Nacionalidade. É neste momento que a documentação medieval nos permite saber que foi doada por Afonso V, Rei de Leão, ao mosteiro de Guimarães.





IGREJA DE PEDRAÍDO

A paróquia de São Bento de Pedraído era vigarraria anexa e da apresentação do mosteiro de Santa Senhorinha de Basto, cabeça do couto de Pedraído, no concelho de Monte Longo.

Outra informação a ter em conta é o facto de parte da freguesia ter sido um couto, propriedade das Freiras de Arouca da Ordem de S. Bernardo, ainda nos inícios do séc. XVIII.

A igreja de Pedraído terá uma origem medieval, à semelhança do que aconteceu com praticamente todas as paróquias da Diocese de Braga, plenamente organizadas em torno dum templo desde os finais do séc. XI. Todavia, a primeira referência a esta igreja surge no *Numeramento Joanino* do ano de 1527, onde é dito que Pedraído já tinha como orago S. Bento, o que pressupõe, naturalmente, a existência de um templo. A data de 1717 que se observa na sua fachada sul, assinalará, provavelmente, uma intervenção na igreja. Recentemente, a pequena igreja de Pedraído foi alvo de obra de restauro, que devolveu ao templo a dignidade e simplicidade há muito perdidas

em alterações arquitetónicas desajustadas num templo rural deste tipo.

À semelhança do edifício, também os retábulos da igreja foram alvo de um restauro, que preservou e avivou alguns elementos artísticos dignos de destaque. No retábulo-mor, observam-se elementos maneiristas reutilizados: colunas, entablamentos e painéis (com enrolamentos *rollwerk*) no banco. As pinturas em brutesco (ao estilo) estão presentes nos tetos da capela-mor e da nave (Maneirismo e Barroco).

Já nos retábulos colaterais, enxerga-se o estilo Barroco nacional (reutilização de elementos) com acrescentos do Barroco joanino (ao estilo): dosséis onde se abrigam as imagens; os frontais dos altares e ilhargas contêm vegetação do Barroco nacional e joanino (ao estilo). No lado do Evangelho (S. Bento) destaca-se o brasão da ordem beneditina; no lado da Epístola (N. S.^a da Conceição adulterada com o Menino).

Localização: Largo do Souto, Pedraído
Coordenadas: 41°30'41.14"N 8° 7'15.27"O



IGREJA DE GOLÃES

Apesar da sua arquitetura claramente moderna, a igreja de Golães encerra no seu interior alguns elementos arquitetónicos e artísticos que nos dão conta da sua antiguidade e importância.



O templo encontra-se hoje completamente alterado, restando das construções de épocas anteriores apenas alguns vestígios preservados numa parede da sacristia. Neste local conservam-se elementos maneiristas: pedras do arco cruzeiro pintadas em brutesco (Maneirismo e Barroco), ornamentadas com diamantes; e o arco cruzeiro de arco abatido. Destacam-se também duas tampas de sepultura monolíticas do período medieval.

Ainda do Barroco, sobram a cúpula da torre sineira (forma bolbosa) enquanto no interior se releva a composição da capela-mor, sacrário e tribuna (aos estilos Barroco nacional e joanino) e dosséis das imagens de S. Lourenço, padroeiro, no local correto (Evangelho), e de Santa Maria Goretti.

As primeiras capelas laterais (ao estilo Barroco nacional) - provenientes da igreja de Arões - e os áticos das segundas capelas laterais (Barroco joanino), quer do lado do Evangelho, quer do lado da Epístola, são outras referências da arte da talha.

A primeira referência clara à igreja surge nas *Inquirições* de 1220, momento em que o orago da paróquia era Santa Eulália, só tendo sido alterado para São Lourenço nos séculos XIV ou XV.

No exterior da igreja aparece um sarcófago de proveniência desconhecida, mas tudo aponta para que se enquadre em época romana, constituindo assim um exemplar único no concelho e um dos poucos possíveis de observar na região.

Localização: Av. da Igreja, Golães
Coordenadas: 41°27'55.62"N 8°11'47.86"E





CAPELA DE N. S.^a DA LUZ (FORNELOS)

A capela de N. S.^a da Luz é um templo de pequenas dimensões construído na primeira metade do séc. XVII, mais propriamente no ano de 1632, tal como indica a data da inscrição gravada no arco do portal da entrada.

A capela alpendrada faz parte do Solar da Luz, outrora pertença da família Magalhães e Meneses, cuja origem se perde no tempo; hoje, é propriedade de Carlos Vieira que promoveu, recentemente, a transladação da capela e consequente restauro da sua estrutura e do seu retábulo, que há poucos anos foi alvo de vandalismo. O templo foi mudado para o terreiro do solar (intramuros), abandonado assim o seu local original - no lado oposto da Estrada Nacional 207 - ganhando uma maior visibilidade e dignidade.

Ao nível da talha, o proprietário recuperou parte do retábulo (do Barroco nacional), vislumbrando-se as colunas (cerceadas e com aves recentes), entalamento e uma arquivolta do original, bem como

painéis com ornamentação de acantos. As imagens (N. S.^a com o Menino, N. S.^a da Luz – que deveria estar no lado do Evangelho, como padroeira -, e S. João Batista substituem pinturas que estariam nos respaldos dos intercolúnios, cuja estrutura ainda obedece ao Maneirismo. A ausência da segunda arquivolta, um banco redesenhado com três painéis e a inexistência do embasamento indiciam um retábulo original de proveniência exterior.

Este restauro é uma forma de manter parte de um património que tanto foi valorizado pela Igreja Portuguesa, na sequência do Concílio de Trento (1545-1563), que exigia que as igrejas e as capelas fossem ornamentadas com retábulos dourados.





SANTUÁRIO DA LAGOA (ABOIM)

O santuário da Lagoa é um dos templos mais simbólicos e procurados da região, tanto por fafenses como por forasteiros.

Todos os anos, coincidindo com o “derradeiro sá-bado” de agosto, mas com início na sexta-feira, as festividades da Senhora das Neves atraem multidões, que procuram não só o divertimento e reencontro habitual entre as pessoas, presente em qualquer romaria minhota, mas também para cumprir o ritual de “tirar o diabo do corpo”.

A tradição, que remonta pelo menos aos inícios do séc. XVIII, leva muitos peregrinos a rumarem ao santuário da Lagoa munidos da crença de que N. S.^a das Neves lhes “tira o diabo do corpo” e afasta os males da sua vida. Durante os dias da festa, os crentes fazem fila, desde o raiar do dia, para conseguirem entrar no templo e cumprir o ritual.

As referências documentais dos inícios do séc. XVIII permitem saber que o templo, por essa altura, gozava já de alguma dimensão fruto das esmolas dos romeiros que em grande número se

deslocavam à capela para venerar a “Senhora Milagrosa”. Na capela-mor, no lado da Epístola, um arco indicia vestígios do templo primitivo.

Em termos artísticos, este templo destaca-se por um frontispício com uma arquitetura incomum. O varandim deve-se ao facto de o santuário necessitar de um espaço para os pregadores. Ao Maneirismo (do século XVII) pertencem as pilastras (em vez de colunas) do frontispício, do portal e do varandim (apaineladas), o arco do varandim, as empenas, os plintos que sustentam as pirâmides. Os ornatos barrocos terão sido colocados posteriormente: as volutas da janela e as envolventes do nicho de N. S.^a das Neves (reorganização com fragmentos de obra barroca).

As pinturas impressas nos tetos da capela-mor e da nave constituem uma metáfora dos caixões tão usados no Maneirismo. Na talha, valorizaram-se as duas capelas laterais, da fase do Barroco joanino (ao estilo), com ornatos rococó no remate, no dossel, nas colunas e nos plintos que as suportam.



Localização: Rua Nossa Senhora das Neves, Aboim
Coordenadas: 41°30'58.22"N 8° 5' 22.46"O



Localização: Rua da Sra. da Conceição, Medelo
Coordenadas: 41°27'57.24"N 8° 9'23.30"O

CAPELA DE N. S.ª DA CONCEIÇÃO (MEDELO)

A capela de N. S.ª da Conceição é uma das mais antigas do concelho de Fafe, destacando-se das demais pela inscrição gravada num bloco de granito emoldurado presente na sua fachada, única do género no concelho de Fafe.

A cartela gravada dá-nos conta de quem foram os seus fundadores e onde estes se encontravam emigrados à data: *“Esta capela de N. S. da Conceição mandaram fazer José e João Simões da Casa das Paredes desta freg(uesi)a estando nas ind(ias)”*.

Com base em notícias documentais de 1726 é possível saber que estariam à época nas *“Índias de Castella”*, mais propriamente no México, para onde emigraram ainda meninos à procura de fortuna. A documentação aponta para que a capela de N. S.ª da Conceição tenha sido construída nos finais do séc. XVII/inícios do séc. XVIII.

O púlpito exterior denuncia a necessidade de se ouvir o pregador nas ocasiões litúrgicas adequadas e festivas.

Já no interior, o retábulo é o espécime maneirista

mais completo do conjunto que faz parte do presente fascículo. Excetua-se um novo embasamento (ao longo dos tempos o original perde solidez), as esculturas que estão no lugar de pinturas nos respaldos e uma cartela, no ático, que suprimiu o espaço de uma pintura, mas faltam as ilhargas das colunas exteriores (enrolamentos volumosos) tão ligadas às estruturas retabulísticas do Maneirismo. Como o retábulo não preenche totalmente a parede fundeira da capela, fica-nos a percepção de estarmos perante um exemplar adquirido no exterior. S. João Batista, N. S.ª da Conceição e S. José são as imagens que substituíram as pinturas dos respaldos; à padroeira deveria ter sido atribuído o espaço intercolúnio do lado do Evangelho onde se encontra S. João Batista.



CAPELA DE SANTO ANTÓNIO (SERAFÃO)

A capela de Santo António constituiu outrora, a par da própria igreja paroquial, um dos mais importantes templos da freguesia de Serafão.

Informações documentais depositadas no Arquivo Distrital de Braga permitiram descobrir que, em 1754, por necessidade religiosa e espiritual das populações que habitavam nas suas proximidades, houve lugar à colocação de um confessionário na capela, o que facilitava as obrigações religiosas dos devotos que habitavam a uma maior distância da igreja paroquial.

A data de fundação da capela de Santo António é desconhecida, mas é garantido que o templo já existia nas primeiras décadas do séc. XVIII, época em que a expansão das capelas foi notória em virtude da fé implantada com o Barroco, na sequência do Concílio de Trento, na medida em que a arte era um das armas de persuasão da Igreja Católica.

A reutilização de fragmentos de um retábulo do Barroco nacional é o destaque neste templo – além da repintura e da ausência do arco exterior do remate por falta de espaço (sinal de proveniência exterior); há uma estrutura denticulada sobreposta ao entablamento e ornatos no banco duplo (inferior), que se inserem no estilo maneirista. A ornamentação do Barroco nacional tem efeito nos meninos, nas parras, nas uvas (símbolo eucarísticos), nas aves e nas folhas de acanto (painéis, orlas do sacrário, entablamento e arquivolta).

No dia 13 de junho, dia de Santo António, ou no domingo imediatamente a seguir, tem lugar nas proximidades do templo uma festa de consagração ao santo, à qual as pessoas da terra e alguns forasteiros acorrem em grande número. É da tradição que, durante a missa de domingo, alguns animais sejam benzidos, principalmente cavalos, embora outros animais de companhia também sejam uma presença comum.



Localização: Tv. Professora Adélia Campos, Serafão
Coordenadas: 41°32'13.41"N 8°12'54.38"O



cm-fafe.pt /municipiofafe

FICHA TÉCNICA

Título

Fascículo 02 Património Religioso – Memória e Identidade
O Maneirismo e o Barroco em Fafe

Propriedade

Câmara Municipal de Fafe

Coordenação Geral

Pompeu Martins

Artur Coimbra

Edição

Tamanho Real, Agência de Comunicação

Fotografia

Manuel Meira

João Nuno Machado

Textos

João Nuno Machado

José Carlos Meneses

Produção

Daniela Costa Sousa

Sónia Lopes